AS ELITES SOBRALENSES NA DÉCADA DE 40

Teresa Maria Frota Haguette (*)

A sociologia criou, através dos tempos, um ranço contra o conceito de elite dada sua vinculação, nas origens, a cientistas sociais, tidos como conservadores, que dele se utilizaram dentro de visões não problematizantes da existência de estruturas sociais de desigualdade e de diferenciação entre os indivíduos e os grupos sociais. São eles Gaetano Mosca e Vilfredo Paretto, ambos italianos, e que tentaram explicar a origem da estratificação existente na sociedade baseada mais nas potencialidades ou capacidades psicológicas individuais do que nas disparidades de poderes, conseqüência das facilidades de acumulação de capital geradas pelo sistema capitalista. Neste sentido há quem sugira (Bottomore, 1974) que o conceito de elite se opõe ao conceito de classe social, não sendo, pois, adequado à análise de sociedades capitalistas. De acordo com os autores acima referidos (conhecidos também como neomaquiavélicos) a elite teria a massa como seu contraponto social. Não creio ser este o momento de polemizar esta questão embora a reconheça como extremamente relevante, especialmente hoje, para dirimir equívocos, o que já Gramsci (1968) tentou fazer ao discutir o papel dos intelectuais.

O termo elite é usado no presente trabalho dentro de uma concepção específica que pretende denotar "um grupo de pessoas que, numa sociedade qualquer, ocupam posições eminentes" (FGV, 1986). Na verdade a unidade temporal que serve de invólucro a nossas preo-

(*) PhD em Sociologia e professora da Universidade Federal do Ceará e da Universidade Estadual do Ceará.

cupações – década de 40 no interior de uma área subdesenvolvida de um país de capitalismo periférico – não nos permite assegurar a existência de classes sociais nítidas. Em certos momentos parece-nos mais estarmos diante de grupos de status da concepção weberiana, embora não tenhamos dúvidas de que o tipo de exploração econômica destes sobre os dominados indiquem – pelo menos no caso das chapeleiras – um tipo de mais valia extraída através do "assalariamento disfarçado" conforme chamava Reginaldo Prandi (O Trabalho por Conta Própria sob o Capital), ao "trabalho por tarefa".

A configuração das classes sociais em determinada formação social do sistema capitalista parece obedecer com certa regularidade aos padrões de desenvolvimento das forças produtivas e à situação de seu espaço geográfico. Em se tratando de áreas do capitalismo avançado as dificuldades de identificação e categorização destas classes já apontadas por autores que se debruçaram sobre este tipo de análise, entre outros, Poulantzas (1978) e Wright (1981).

Pretendemos, de forma sucinta, indicar a natureza e especificidade da estrutura econômica que gerou o tipo de estratificação social em Sobral. Diante das limitações dos dados disponíveis decidimos nos deter diante de três aspectos: a) a contextualização sócio-econômica da época, b) a composição do quadro ocupacional / profissional das elites e c) o direcionamento do processo migratório ocorrido no âmbito do século que antecede nossa unidade temporal de análise.

Nosso ponto focal é, pois, Sobral [1], a segunda mais importante cidade do estado do Ceará [2], e que está situada a 220 km da capital, Fortaleza, embora na década de 40 este percurso estivesse aumentado de mais 15 km que foram reduzidos por ocasião do asfaltamento da BR-222, que liga as duas cidades, concluído na década de 60. Sua po-

---

(1) Historicamente Sobral teve outras denominações: em 1775 foi chamada Vila Distinta e Real de Sobral; em 1841, de Fidelíssima Cidade de Januária do Acaraú e, finalmente, em 1842, passou ao nome atual.

(2) Os dados principais que fundamentam a presente análise procedem do livro **Homens e Vultos de Sobral,** de autoria de Mons. Vicente Martins, que veio a público em 1942 como parte dos eventos comemorativos do centenário desta cidade e homenagem ao 1º Bispo, Dom José Tupinambá da Frota pelos 25 anos de sua Sagração Episcopal. Consta de um biografia sucinta de 392 atores sociais que, supostamente, comporiam a elite sobralense, não só no âmbito da economia como da política e da cultura em geral. Após rigorosa tabulação e análise, selecionamos os dados que nos pareceram mais relevantes para, ao final, tecermos alguns comentários conclusivos. Dados de outras fontes são usados como complemento, conforme indicado no texto. A obra referida foi reeditada pelo NUDOC/UFC em 1989, como o volume 1 da Coleção Memórias e Documentos (Edições UFC/STYLUS).

pulação no distrito sede era de 21.000 habitantes e no município 57.871.

A existência da Serra de Uruburetama, mais ou menos a meio caminho entre Sobral e Fortaleza, sempre representou um obstáculo ao acesso à capital. Com efeito, era mais fácil a comunicação terrestre com o Norte e o Sul do País e mesmo com a Europa pelo porto de Camocim, do que pelas estradas, sempre em mal estado, especialmente na época das chuvas. Vale ressaltar que somente na década de 30 foi iniciada a rodovia Transnordestina que ligava Pernambuco aos estados vizinhos favorecendo uma maior aproximação entre eles. Até então a comercialização era feita principalmente através da Estrada de Ferro de Baturité que ligava Fortaleza ao Cariri e da Estrada de Ferro de Sobral – que ligava Camocim a Crateús (Ferreira, 1989). Por outro lado, o arranjo espacial peculiar a Sobral fazia derivar o tráfego para dentro dos seus limites, dando-lhe a força de um "centro de serviços de nível regional" (FIBGE/SUDENE, 1971) em uma área sob seu efetivo comando no trecho noroeste do estado do Ceará, abrangendo 46 municípios (UFC/PUDINE, 1966) além dos estados do Maranhão e Piauí. Além disso, cabia a Sobral a "vantagem" que lhe advinha da dificuldade de acesso a Fortaleza, e que fez dela um ponto de parada necessário e conveniente para as transações comerciais dos mais variados matizes. Com o passar dos anos, entretanto, as estradas foram melhorando [1] e os primeiros caminhões começaram a fazer transporte de cargas, em 1932. Já os serviços de transporte coletivo, os ônibus, foram iniciados aproximadamente em 1938 com a linha Sobral-Fortaleza. [2]

Ao final da década de 30 já se percebia o domínio que Fortaleza começava a exercer sobre o comércio de Sobral. Entretanto, o grande golpe contra o desenvolvimento da cidade, que estava baseado primordialmente nas atividades mercantis, adveio do asfaltamento da rodovia BR-222 que ligou os Estados do Norte a Fortaleza. Ao invés de

---

(1) Para se ter uma idéia das dificuldades de locomoção entre Sobral e Fortaleza o Dr. Paulo de Almeida Sanford, em entrevista à autora, (1984) relata que se chegava a Fortaleza a cavalo levando 7 dias, ou então, necessitava-se ir de trem até Camocim (4 horas) e de lá tomar um pequeno navio consteiro que fazia a linha para Fortaleza uma vez por mês, com um dia e meio de duração no percurso. Isto, no início do século.

(2) Consta que foi José Colombo Cialdini quem introduziu o primeiro caminhão no distrito sede de Sobral. Quanto aos serviços de ônibus, eles foram de iniciativa de João Laurentino de Souza, José Inácio Alves Parente e Vicente Bento, que foi realmente o primeiro. (Martins, 1942).

parada obrigatória em Sobral para desembarque e embarque de mercadorias, parte dos caminhões passou a se dirigir diretamente a Fortaleza, cidade de mais recursos em todos os sentidos. [1]

Sobral centralizava, desde a sua formação, a arrecadação da matéria-prima das regiões circunvizinhas (carnaúba, oiticica, algodão, mamona, couros e peles) além de cereais para o consumo interno, a distribuia, via comercialização, para os estados do Piauí e Maranhão conforme referido, e também para o exterior (Liverpool, Hamburgo, Nova York), ao mesmo tempo em que importava artigos manufaturados do Sul do País e do exterior (Martins, 1942). Era comum encontrar-se entre as famílias abastadas, cristais da Bohemia, porcelana da China, tapetes persas e bibelôs franceses, assim como perfumes, jóias e roupas, importados diretamente através do porto de Camocim. Estas famílias compunham a classe que, entretanto, não se apropriava da mais-valia da classe trabalhadora, mas do sobre-produto, oriundo principalmente do processo de comercialização das matérias-primas acima citadas.

Na década de 40, já existiam quatro bancos em Sobral: o Banco do Brasil que havia sido transferido de Camocim para Sobral em 1934, o Banco de Crédito Comercial S/A (ex-Banco Mercantil Caixeral, fundado em 1930), o Banco de Crédito Popular de Sobral S/A (ex-Banco Popular de Sobral S/A), criado pelo Bispo D. José Tupinambá da Frota para se ocupar das finanças da diocese, em 1927, e a Casa Bancária Frota Gentil de Sobral Ltda., representante do Branco Frota Gentil, de Fortaleza, inaugurada em 1893. A criação destes bancos se deveu, em parte, às necessidades de restabelecimento da economia, abalada fortemente pela seca de 1915 e pela devastação do algodão nos anos de 1930 que levaram ao surgimento de várias Cooperativas Agrícolas no Estado para proteção deste produto.

As atividades mercantis que sempre foram dominantes nesta região do sertão próximo ao rio Acaraú ensejaram a sistematização e defesa dos interesses da classe de comerciantes e proprietários que, já em 1920, davam origem à Associação Comercial de Sobral. Já na Bahia, na mesma época, a burguesia se formou sob a liderança da sua facção financeira (Guimarães, 1987). Logo em seguida foi criada a As-

(1) Um importante fator de desenvolvimento do transporte rodoviário da região foi a ponte sobre o Rio Acaraú, construída pelo DNOCS sob a orientação do engenheiro alemão Waldemar LARIM, iniciada por ocasião da seca de 1932 e concluída em 1935 (depoimento verbal fornecido à autora pelo Dr. Vicente Linhares, em 1989).

sociação dos Empregados no Comércio (1921).

A atividade industrial era limitada: uma fábica de tecidos de visibilidade estadual, duas usinas de beneficiamento de algodão e óleo e uma de beneficiamento de oiticica, uma fábrica de mosaicos, duas de bebidas, uma de gelo e duas de sabão, além da Companhia Industrial Luz e Força de Sobral que fornecia energia elétrica a parte considerável da população.

As relações entre a classe trabalhadora, a burguesia e o Estado, fundamentais na análise do processo de constituição da sociedade capitalista (Fausto, 1988) não se colocavam, pela simples inexistência de uma burguesia industrial e, consequentemente, de um operariado industrial conforme indicamos anteriormente. A presença do Estado era discreta. Atendia apenas às exigências da segurança (polícia) da arrecadação de impostos (coletoria), saúde (um posto) [1] criado em 1933, administração pública (câmara, prefeitura), justiça (juiz de direito) e educação (um grupo escolar criado em 1915), além da açudagem, do fomento agrícola e do incentivo à pecuária.

A criação de gado nas fazendas era muitas vezes associada a atividades ligadas ao comércio. A abundância da carnaúba na área propiciou o desenvolvimento do artesanato de palha de carnaúba, especialmente os chapéus, que eram comercializados através das firmas atacadistas e grande parte exportados para o Sul do País e exterior. Na década de 40 existiam em Sobral oito casas que comercializavam o chapéu de palha. [2] Em contrapartida, eram os artesãos da palha – na grande maioria, mulheres – que se colocavam no mais baixo limite da sobrevivência. [3]

A pecuária representava também uma sólida fonte de renda para a região. Dizia-se à época que "o boi criou o homem". A classe dos proprietários de terra era mais conhecida dentro do que se convencio-

---

(1) A Santa Casa de Misericórdia, criada em 1915 pelo bispo Dom José Tupinambá da Frota, atendia às doenças mais comuns na época, como a sezão, o impaludismo, a malária e mais raramente o paratifo e a varíola.

(2) As principais firmas eram: José Modesto F. Gomes, Júlio Aragão, Valdemar Lira, Moacir Mendes, Raimundo Pontes, Henrique Fernandes, Pedro Carneiro e Vicente Custódio (Martins, 1942).

(3) De acordo com dados do SINE (1983) em 1979, 75.000 famílias sobreviviam da confecção do chapéu de palha.

nou chamar de "a dinastia do gado". [1] Além do gado de corte as fazendas forneciam os subprodutos como o couro, a pele, o queijo e a manteiga. Em 1935 o governo do Estado [2] instalou o Posto de Experimentação de Criação na Fazenda Mucambinho. [3]

Os rebanhos mais numerosos na região eram da espécie vacum, caprino e ovino. Em tempo de seca os rebanhos bovinos eram transferidos para o Piauí onde era mais fácil sua sobrevivência. O fomento à agricultura também indicou a presença do Estado, através dos trabalhos de um campo de demonstração de plantas têxteis, criado em 1928, na Fazenda Três Lagoas.

A produção agrícola da região era representada pela carnaúba, oiticica, algodão, mamona, que serviam como matéria-prima ao incipiente parque industrial sobralense, assim como as culturas de subsistência como a mandioca, o milho, o feijão, o arroz, o café, a cana-de-açúcar, a batata e a batatinha, além de grande variedade de frutas (Martins, 1942). Os instrumentos de produção eram os mesmo de hoje, passados cinqüenta anos, o machado, a foice e a enxada.

Alguns açudes públicos já existiam na década de quarenta, como o Jaibaras (com 194 milhões de metros cúbicos e 3.000 hectares irrigáveis); o Forquilha (com 50 milhões de m^3 e 11.500 ha irrigáveis); e o Mucambinho (com 1 milhão e 232 mil m^3 e 40 ha irrigáveis (Martins, 1942).

As elites sobralenses da década de quarenta habitavam no perímetro urbano que envolve não só o centro comercial que era também residencial como tinham suas casas ao redor das inúmeras Igrejas da cidade que se constituiam como praças: Praça da Sé, Praça do Patrocínio [4], Praça do Rosário, Praça do Menino Deus, Praça São Francisco. Outras igrejas antigas como a de Santo Antônio (reconstruída em 1955), Nossa Senhora das Dores (1872) e Senhor do Bonfim (1922), anexa ao Seminário Menor do Bairro da Betânia, também foram núcleos aglutinadores de residências de classe média. As residências se

---

(1) Os grandes fazendeiros da época eram os Srs. Juca Parente, Murilo Parente, Francisco Figueiredo de Paula Pessoa, José Leôncio de Andrade, Felizardo Mendes, entre outros.

(2) Governo do Dr. Francisco de Menezes Pimentel.

(3) Dirigida pelo engenheiro agrônomo Dr. Paulo de Almeida Sanford.

(4) Por ocasião da criação do Bispado de Sobral, em 1916 a Freguesia de Sobral foi dividida em duas: o curato ou paróquia da Sé e o curato do Patrocínio.

moldavam no estilo português, muitas delas assobradadas.

Considerada uma cidade aristocrática pelo zelo na manutenção das "boas famílias" e que teve muitos de seus ancestrais europeus chegados à região por ocasião da invasão holandesa, em Pernambuco, Sobral acrescia a isto o fato de não ter desenvolvido dentro dos seus limites um sistema de escravidão de base econômica, mas essencialmente doméstico, dadas suas características típicas de zona criatória. Assim sendo, a miscegenação com o negro foi mínima, embora a presença do índio possa ser percebida nas faces das camadas pobres. A estratificação social tinha por fundamento mais a tradição familiar do que a riqueza: a "boa família" se opunha à "gentinha".

O lazer da burguesia incluía um clube recreativo, o Grêmio Recreativo Sobralense (Pálace Clube) para festas dançantes, o teatro, cujas peças eram encenadas por elementos das melhores famílias e tinham no Cine-Teatro S. João o local das representações [2]. Apesar dos recitais poético e musical não serem muitos comuns à época, o número de maestros, conforme indicaremos mais adiante, evidencia a importância alocada a estas artes na formação cultural da juventude, principalmente das moças, que desde cedo aprendiam a tocar piano. O esporte também compunha o espectro das atividades de lazer da burguesia sobralense e para isso existiam o Sobral Atlético Clube, o Clube Artístico, O Guarani Esporte Clube, o Carioca Foot Ball Club além do Jockey Club Sobralense que na década de 50 obteve sua sede própria para gáudio dos turfistas.

A Igreja, através do clero, influiu fortemente como instituição de controle social para a manutenção de padrões de conservadorismo moral e político junto à população, haja vista o repúdio dos "crentes", ao comunismo e às modas femininas mais afoitas. Por outro lado, sua contribuição positiva também era sentida no campo da cultura em geral e dos princípios cristãos que difundia. As festas religiosas, especialmente de São Francisco e da Semana Santa, representavam não só um testemunho de fé cristã como verdadeiros espetáculos especialmente para as populações pobres. Entretanto, as elites também

---

(1) Contrapondo-se ao requinte da burguesia impunha-se a pobreza e a miséria dos bairros da periferia da cidade, como: Tamarindo, Expectativa, Santa Casa, Sinhá Sabóia, Alto do Cristo, Pedrinhas, Junco e outros, com suas casas de taipa cobertas de palha (MECOR/UFC, 1967).

(2) Foi no Cine-Teatro São João que as primeiras películas cinematográficas foram exibidas. Existia também na época o Teatro Glória.

participavam com seus filhos pequenos que "saíam de anjo" nas procissões levados pela mão dos pais. O desfile das inúmeras associações pias [1] contribuíam para o brilhantismo desses eventos religiosos que percorriam as ruas da cidade acompanhados da banda de música que tocava melodias de cunho religioso, de acordo com a ocasião, seguidos por cortejos de centenas de fiéis.

A Igreja também se antecipou ao assistencialismo de estado, quando criou em todo o mundo as Santas Casas de Misericórdia [2] e a Sociedade de São Vicente de Paula [3] com seus Dispensários para atender aos necessitados, sob a tutela das Senhoras de Caridade.

A Estrutura Ocupacional das Elites

Uma das perguntas que se deve fazer a fim de melhor conhecer a classe dominante de determinada sociedade é indagar sobre sua composição, isto é, sobre o tipo de profissional que dela faz parte e como os grupos ocupacionais se situam dentro da estruturação do sistema produtivo local. [4] No intuito de propiciarmos uma melhor organização dos dados biográficos das 392 personagens listadas pelo autor, decidimos por explorar os aspectos relacionados com a qualificação e mensuração absoluta e relativa do elenco de ocupações. [5]

---

(1) Já existiam na época a Irmandade do Santíssimo Sacramento, o Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus, a Cruzada Eucarística, a Associação da Eucaristia, a Adoração Contínua, a Congregação Mariana, a Irmandade dos Terceiros Franciscanos, a Associação das Mães Cristãs, a liga de Santa Terezinha, a Associação das Almas além da Associação das Obras e Vocações. (Martins, 1942).

(2) Fundada em 1925 por D. José Tupinambá da Frota com 100 leitos para pobres e 18 quartos para pensionistas.

(3) Criada em Sobral a 1º de janeiro de 1885 e o Dispensário a 1º de julho de 1939.

(4) Na verdade, já dispunhamos dos dados não agregados sobre esta composição que nos foram fornecidos pela pesquisa de Martins (1942). Nossa tarefa se resumiu à tabulação dos dados e a um esboço de interpretação que ensaiaremos ao final.

(5) A obra de Martins (1942), no entanto, oferece uma dificuldade ao analista visto que o escopo temporal abrangido no trabalho inclui os atores sociais que transitaram pela vida no espaço de aproximadamente um século; ou seja, tanto indivíduos que nasceram na década de trinta do século passado como aqueles jovens, na época, que estavam na casa dos vinte anos e já eram considerados membros da elite, basicamente por sua herança familiar ou título superior adquirido. Assim sendo, as 392 biografias envolvem os vivos e os mortos. Outra dificuldade se relaciona à ausência de informação sobre o destino dos biografados. Achamos por bem, pois, apresentar ao leitor a) a listagem da elite que viveu e/ou morreu entre 1830 e 1940 e b) excluindo os falecidos, os "não-declarados" e os que migraram para outras praças, montar um quadro mais próximo da realidade da década de 1940 que queremos retratar. Diante do alto percentual de "não-declarados" quanto ao destino de migrantes, a análise aqui empreendida, neste aspecto perde sua representatividade estatística, valendo, entretanto como indicação possível.

Iniciemos pelos dados da tabela a seguir:

Profissão da Elite Sobralense segundo a situação de residência.

Profissão	Total		Migrante/ Falecido		Residente em Sobral	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
01. Advogado/juiz	95	24,1	78	28,2	17	14,8
02. Oficial Militar	48	12,2	48	17,3	–	–
03. Comerciante	42	10,7	12	4,3	30	26,1
04. Padre	37	9,4	25	9,0	12	10,4
05. Medico	31	7,9	24	8,6	7	6,1
06. Engenheiro	25	6,3	22	7,9	3	2,6
07. Oficial da Gda. Nacional	14	3,6	12	4,3	2	1,7
08. Jornalista	10	2,6	8	2,9	2	1,7
09. Contador	10	2,6	3	1,1	7	6,1
10. Agrônomo	9	2,3	6	2,1	3	2,6
11. Farmacêutico	8	2,9	4	1,4	4	3,5
12. Maestro	8	2,9	3	1,1	5	4,3
13. Professor	7	1,8	1	0,4	6	5,1
14. Fazendeiro	7	1,8	3	1,1	4	3.5
15. Dentista	6	1,5	3	1,1	3	2,6
16. Poeta	5	1,3	4	1,4	1	0,9
17. Industrial	5	1,3	1	0,4	4	3,5
18. Banqueiro	4	1,0	3	1,1	1	0,9
19. Funcionário Público	3	0,8	3	1,1	–	–
20. Agrimensor	2	0,5	2	0,7	–	–
21. Tabelião	2	0,5	1	0,4	1	0,9
22. Guarda-Livros	2	0,5	1	0,4	1	0,9
23. Veterinário	1	0,3	1	0,4	–	–
24. Piloto	1	0,3	1	0,4	–	–
25. Desenhista Técnico	1	0,3	–	–	1	0,9
26. Não Declarado	9	2,3	8	2,9	1	0,9
	392 (100%)	100,0	277 (70,7%)	100,0	115 (29,3%)	100,0

FONTE: Martins, 1942 (Tabulação da Autora).

Observamos, em primeiro lugar, que, do total de 392 biografados somente aproximadamente um terço (29,3%) residia em Sobral no início da década de quarenta do nosso século e é sobre este universo que vamos dirigir nossa atenção com mais acuidade. Entrementes, examinando-se a coluna relativa ao total, por profissão, salta aos olhos a participação aparentemente desmesurada de profissões como advogados, oficiais militares, padres, médicos, engenheiros e oficiais da Guarda Nacional, em uma sociedade que, como já tivemos oportunidade de constatar anteriormente, não exibia uma estrutura econômico-social capaz de absorver uma mão-de-obra qualificada do quilate da que se nos apresenta. A resposta a esta inquietação se encontra na coluna do meio que informa sobre o fato de a grande maioria destes profissionais ou já terem falecido, ou terem migrado para centros maiores em busca da segurança do exercício da profissão escolhida. Este contingente representa 90, 7% e a tabela seguinte nos fornece maiores informações sobre ele.

O Processo Migratório das Elites Sobralenses

Destino dos Profissionais que Migraram

Residência na época	Nº	%	%*	%**
Sobral	90	22,9	32,4	49,7
Rio	33	8,4	11,9	18,2
Fortaleza	31	7,9	11,2	17,1
São Paulo	5	1,3	1,8	2,8
Bahia	4	1,0	1,4	2,2
Outros Estados	14	3,6	5,1	7,7
Interior do Ceará	3	0,8	1,1	1,7
Exterior	1	0,3	0,4	0,6
Falecido	115	29,3	–	–
Não Declarado	96	24,5	34,7	–
Total	392	100,0	100,0	100,0

FONTE: Martins, 1942 (Tabulação da Autora).
(*) Excluídos os falecidos = 277.
(**) Excluídos os falecidos e os N. D. = 181.

Aproximadamente 30% já haviam falecido, e sobre um quarto (24,5) deles não se tem informação, ou seja, tanto podiam estar residindo em Sobral como poderiam ter migrado. Apesar desta limitação, é válido observar o destino da população remanescente que é de 181 indivíduos.

Supreendentemente, somente metade da população dos biografados vivia em Sobral. A migração maciça se orientava em duas direções: Fortaleza com 17,1% e outros estados da Federação que atraíram 31% dos sobralenses. Vale destacar o poder de atração do Rio de Janeiro, à época capital da República, que acolheu 18,2% dos migrantes, superando até Fortaleza.

E lícito indagar se o intenso processo migratório de grande parte das elites sobralenses não refletiria, por um lado, o desejo de não abdicar da educação, da cultura e do status de uma profissão superior que a cidade mãe não tinha condições de alimentar, confirmando, pois o caráter aristocrático que a identifica. Assim não fora, outras ocupações menos valorizadas socialmente poderiam ter sido abraçadas pelos filhos dos comerciantes e fazendeiros de sólida fortuna. Por outro lado, há que pensar também nas forças de expulsão e de atração das cidades receptoras respectivamente, com todos os seus atrativos culturais e facilidades que propiciam um mais alto nível de vida e de gratificações sociais.

Centrando agora nossa atenção nos 115 residentes em Sobral percebemos de imediato que as ocupações numericamente mais comuns são aquelas que correspondem às exigências do tipo da sociedade sobralense da época, cuja força da economia residia nas atividades comerciais (32,2%), na prestação de serviços ligados à saúde, justiça e construção (29,6%) e aqueles vinculados à cultura de modo geral, à educação e à religião (22,5%) e que perfazem um total de 84,3%, e com uma participação bem reduzida para o setor agropecuário (6,1%) e o industrial-financeiro (4,4%).

Classes Sociais ou Grupos de Status?

Os dados acima exibidos parecem ter oferecido indicações mais ou menos seguras sobre a composição da classe dominante sobralense no período em apreço [1]: os grandes comerciantes e proprietários –

(1) Fontes não comprovadas afirmam ter a "Indústria da seca" contribuído fortemente para a acumulação de grandes fortunas da cidade, especialmente aquelas ligadas ao comércio e à propriedade rural.

urbanos e rurais – os profissionais liberais e os poucos industriais e banqueiros. O setor de serviços afetos à cultura, à educação e à religião abrigaria as classes médias, apesar de Martins (1942) no seu afã de valorização dos aspectos mais nobres do espírito, tê-los alocado como participantes da elite. Além destes também seriam membros das classes médias os bancários e os empregados no comércio.

Das classes trabalhadoras, ou classes dominadas, faziam parte, sem dúvida, e em grande proporção, as milhares de chapeleiras que, sem qualquer poder de barganha, se submetiam às exigências dos atacadistas locais e de seus intermediários, caracterizando um dos mais altos níveis de exploração da força de trabalho da época (SINE, 1983). Juntamente com elas se agregavam os operários industriais, os biscateiros e os camponeses da zona rural do distrito-sede.

Finalmente, considerando que nosso objeto de estudo se desenrola em um período histórico de cerceamento dos direitos da cidadania, especialmente os direitos civis e políticos – pois na época não se falava ainda de direitos sociais – e que corresponde ao período Vargas (1930-45), vale a pena darmos algumas pinceladas indicando as elites políticas da época que, devido às circunstâncias, estavam bastante acomodadas ao regime de exceção e apresentavam um **low profile** em relação a qualquer atividade política pública (Ribeiro, 1982 e Parente, 1986). Assim é que o Dr. José Sabóia de Albuquerque, juiz respeitado e líder político do antigo PDS [1], continua com suas atribuições de juiz, de agro-pecuarista e parceiro da próspera indústria têxtil, Companhia de Fiação e Tecidos Ernesto Deocleciano [2], o ex-deputado pela LEC (década de 30), Francisco de Almeida Monte, que veio a ser um dos mais destacados chefes políticos (PSD) não só da zona Norte como de todo o estado no período pós-Vargas e dividiu a liderança política com o Dr. José Saboya (UDN) – continuou tocando suas fazendas e seus negócios, ao mesmo tempo em que amealhava trunfos para o futuro democrático que se avizinhava [3]. Na verdade, quem pôde dar

---

(1) Que veio a se transformar na UDN ao final da ditadura.

(2) Para uma análise aprofundada da Indústria Têxtil ver Elizabeth Fiúza Aragão. **A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: O setor de Fiação e Tecelagem – 1800-1950,** Fortaleza, Edições UFC/STYLUS, NUDOC, Coleção Estudos Históricos nº 2, 1989.

(3) Em 1935 foi eleito prefeito de Sobral o Dr. Vicente Antenor Ferreira Gomes que foi mantido como interventor pelo também interventor do estado do Ceará, Dr. Menezes Pimentel, até 1944.

vazão completa a seus dons carismáticos de líder cristão, foi Dom José Tupinambá da Frota, bispo de Sobral, que, embora se auto-denominado apolítico, orientou de forma conservadora e indireta, através de seu numeroso clero diocesano, toda a população circunscrita à área do Acaraú a Crateús, sem, no entanto, deixar de lado importantes realizações de natureza social que ainda hoje representam o maior legado já oferecido à cidade por um sobralense.

Enfim os dados e comentários até aqui expressos sobre as elites sobralenses em um período que se nos antecipa de meio século podem ser acrescidos de mais algumas reflexões sobre o processo de transformação social ocorrido dentro deste espectro temporal.

Em primeiro lugar, conforme referido várias vezes ao longo do presente trabalho, tudo indica que o asfaltamento da BR 222, concluído ao final da década de sessenta, selou o término de uma fase áurea da cidade de Sobral enquanto pólo comercial de amplitude regional. É fato, também, que a organização social e a econômica da cidade sofreu modificações sensíveis com o crescimento do próprio comércio, do sistema bancário e industrial que favoreceram a migração de famílias das pequenas cidades circunvizinhas para Sobral. Não podemos esquecer a criação da Faculdade de Filosofia Dom José [1], em 1960, que representou mais um fator de atração no campo educacional.

Em segundo lugar as facilidades abertas pelo melhoramento das vias e meios de transporte e comunicação se, por um lado, quebraram a situação hegemônica de Sobral como centro mercantil inter-estadual, por outro, propiciaram um aumento significativo de populações exógenas ao circuito das elites familiares sobralenses, iniciando um processo de miscegenação que findou por descaracterizar Sobral como cidade "aristocrática".

Finalmente, ao mesmo tempo em que entraram novas famílias, presenciou-se ao êxodo das famílias tradicionais, especialmente de seus membros mais jovens, para outros centros, principalmente Fortaleza. Entretanto, a valorização da estirpe familiar persiste ainda junto à geração que migrou, embora tendendo a desaparecer difinitivamente através das novas gerações.

---

(1) Primeiro germen do que na década de setenta veio a ser a Universidade do Vale do Acaraú.

BIBLIOGRAFIA

ARAGÃO, Elizabeth F. **A Trajetória da Indústria Têxtil no Ceará: O Setor de Fiação e Tecelagem – 1880-1950.** Fortaleza, NUDOC/UFC, Coleção Estudos Históricos nº 2, Edições UFC/ Stylus, 1989.

BOTTOMORE, T. B. **As Elites e a Sociedade,** 2ª ed., Rio, Ed. Zahar, 1974.

FAUSTO, Boris, "Estado, Trabalhadores e Burguesia (1920-1945)", in **Novos Estudos,** nº 20, março 1988, pp. 6-37.

FERREIRA, Benedito Genésio. **A Estrada de Ferro de Baturité: 1870-1930.** Fortaleza, Edições UFC/Stylus, NUDOC, Coleção Estudos Históricos, nº 1.

FGV, **Dicionário de Ciências Sociais,** Rio, Ed. da FGV, 1986, verbete "elite", pg. 389.

GRAMSCI, A. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura,** Rio, Civilização Brasileira, 1968.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. "Estrutura e Formação das Classes Sociais na Bahia, in **Novos Estudos,** nº 18, setembro de 1987, pp. 57-69.

MARTINS, Monsenhor Vicente. **Homens e Vultos de Sobral.** 1942.

PARENTE, Josênio C. **Anauê, Os Camisas Verdes no Poder.** Fortaleza, Ed. UFC, 1986.

POULANTZAS, Nicos. **As Classses Sociais no Capitalismo de Hoje,** 2ª ed., Rio, Zahar, 1978.

RIBEIRO, F. Moreira. **A Redemocratização de 1945 a 1947.** Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto. 1982.

SINE-CE – **Dimensão e Natureza do Setor Informal Urbano na Região Metropolitana de Fortaleza e nos Municípios de Médio Porte do Ceará.** Fortaleza, IOCE, 1983.

UNIVERSIDADE Federal do Ceará – Programa Universitário de Desenvolvimento Industrial, **Projeto Sobral. Relatório da Primeira Etapa,** Fortaleza, 1966.

WRIGHT, Erik Olin. **Classe, Crise e o Estado.** Rio, Zahar, Ed., 1981.

FIBGE/SUDENE, **Sobral e sua Área de Influência,** Rio, 1971. MECOA/UFC Pesquisa sobre Déficit Habitacional na Cidade de Sobral, Fortaleza, 1967.

Entrevistas realizadas sobre Sobral

– **Dr. Paulo de Almeida Sanford, 1984.**

– **Dr. Vicente Linhares, 1989.**